



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## MULHER E POLÍTICA NO PARTIDO DOS TRABALHADORES

Sana Gimenes Alvarenga Domingues

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

sanagimenes@hotmail.com

### Introdução

A história recente do feminismo no Brasil é uma história que se entrelaça bastante com a história do Partido dos Trabalhadores. Tal partido é fruto da confluência de vários movimentos sociais, dentre os quais o movimento feminista, em um cenário de luta pela redemocratização do país.

Conforme destaca a literatura, os partidos políticos, em geral, não têm tido interesse em promover a inserção feminina em seus quadros, seja por um fator mais amplo que é a questão da fragilidade estrutural dos partidos políticos no país, seja por um fator mais pontual que envolve a questão da discriminação de gênero. Os partidos de esquerda<sup>1</sup>, todavia, em especial, o PT, que é o maior partido de esquerda brasileiro<sup>2</sup>, têm se mostrado mais abertos às reivindicações feministas. Assim:

Uma análise comparada das políticas implementadas por partidos de esquerda e de direita irá indicar diferenças substanciais no tratamento e no tipo de investimento feito em relação às mulheres, em que pese a marca geral das dificuldades que estas enfrentam nesses espaços. Sem dúvida, partidos como, por exemplo, o PT (...) tendem a abrir mais espaços e a investir mais

---

<sup>1</sup> Muito se discute se a distinção entre esquerda e direita não estaria ultrapassada em razão da crise das ideologias (em especial, com a crise do socialismo), da complexidade das sociedades democráticas e das novas formas de ação política. Todavia, e na esteira do que defende Norberto Bobbio, parte-se, aqui, do entendimento de que não se pode negar validade a conceitos estruturantes e que ainda fazem parte do imaginário cotidiano e da linguagem política. Por esse motivo, o autor sugere que, a despeito das transformações pelas quais passaram esses dois conceitos, o traço distintivo da esquerda diria respeito à busca pelo igualitarismo, ou seja, à “tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais” (1995, p.110). Sendo assim, enquanto a esquerda lutaria pela superação não só das desigualdades jurídicas e políticas, mas também das sociais, a direita (e dessa afirmação não se desprende nenhum juízo de valor), consideraria as desigualdades humanas não apenas insuperáveis (ou superáveis apenas com o sacrifício da liberdade), mas também proveitosas, na medida em que estimulariam o desenvolvimento social.

<sup>2</sup> Essa afirmação se baseia não apenas no número de filiados, mas também no sucesso eleitoral do partido, assim como no próprio alcance nacional obtido pelo PT.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

em políticas de gênero. E mesmo que os resultados finais não indiquem diferenças muito significativas entre a quantidade de mulheres eleitas por perfil ideológico do partido, devido provavelmente às limitações decorrentes das características institucionais (...), essas diferenças existem e merecem ser registradas. (ARAÚJO, 2001, p. 95-96.)

Por tudo isso, cabe, então, verificar de que forma o PT de um Estado de proeminência política e histórico de lutas feministas como o Rio de Janeiro, tem atuado no que se refere à participação feminina. Dar voz aos seus próprios membros parece ser a forma mais interessante de fazê-lo.

### **A discussão de gênero dentro do PT/RJ**

Para a realização das entrevistas foram escolhidos dezenove membros do PT/RJ, homens e mulheres, que pudessem, em alguma medida, representar a visão geral do partido sobre a questão de gênero. Assim, foram entrevistados todos os membros do PT/RJ que ocupam cargos eletivos relativos à esfera estadual, integrantes ligados à hierarquia partidária no Estado, bem como membros que têm relação com a militância feminista no PT<sup>3</sup>. Destaca-se, ainda, que as entrevistas foram gravadas e conduzidas de forma semi-estruturada, a partir de um roteiro indicativo que se encontra no apêndice<sup>4</sup>.

Em primeiro lugar, é necessário dizer que, de uma maneira geral, os integrantes do PT do Rio de Janeiro se mostraram muito abertos à realização desta pesquisa e dispostos a fazer até mesmo uma reflexão autocrítica sobre o partido. Pode-se afirmar que, em linhas gerais, os petistas reconhecem a luta pelos direitos da mulher como um assunto legítimo. Porém, as falas masculinas costumaram ser mais omissas no que se refere às discrepâncias de gênero observadas na realidade fática.

A primeira questão que esteve presente em todas as entrevistas foi referente ao entendimento do entrevistado acerca do tema feminismo. Apesar das muitas aceções que podem ser dadas ao termo, a inclusão dessa pergunta deveu-se ao fato de

---

<sup>3</sup> Por questões de ética, os nomes desses entrevistados foram substituídos por pseudônimos, quando da transcrição de suas falas. Estes pseudônimos, porém, seguem o gênero dos entrevistados que substituem. Além disso, foram mantidas as funções ou certas caracterizações dos entrevistados com o objetivo de situar melhor as suas falas no contexto.

<sup>4</sup> Vale mencionar que a duração média das entrevistas com os homens foi de dez minutos, ao passo que muitas das entrevistas com as mulheres passaram de trinta minutos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que, mesmo nos setores mais esclarecidos da sociedade, ainda permanece o hediondo equívoco de entender feminismo e machismo como antônimos. Nesse sentido, muitos petistas parecem ter uma visão minimamente esclarecida sobre o feminismo, conforme o que se extrai das falas abaixo:

Feminismo para mim (...) é um processo de luta, de reconhecimento da mulher enquanto ser que tem a mesma igualdade que qualquer outro sexo e que tenha direitos de tudo: moradia, direito de gozar também, direito de tudo isso, de se conhecer. E no Brasil, um país extremamente machista (...) é uma luta que tem que ter aliados. Eu, enquanto homem, me sinto um aliado das feministas. (Marcos – deputado)

De todo modo, também houve respostas que demonstraram falta de conhecimento sobre a questão, nas quais o termo feminismo foi visto como um antagonismo de feminilidade.

Perguntinha capciosa, porque a gente já discutia na década de 70, 80, o que que é feminismo e o que é que é ser feminista. Eu vejo muita coisa em comum. Eu vejo o feminismo, como é que eu posso te dizer, quem é feminina e defende o feminismo, ou seja defende as posturas das mulheres. Tem muito homem que defende a postura da mulher, a postura feminina. Eu vejo que está tão incorporado já, né? Porque houve uma época muito distante: a luta das mulheres pelo feminismo e a luta das mulheres para que se tornassem mais femininas. Eu não sei se isso ficou bem entendido. Eu acho que é uma coisa agora, nesse século, tão unida. Eu não vejo diferença não, tem muita mulher que vê, eu não vejo diferença não. (Helena – assessora parlamentar)

Esse tipo de concepção, típica do senso comum, não entende que o feminismo é uma luta para a conquista de direitos civis, sociais e políticos e não a simples reivindicação do direito de ser “feminina”. Até porque, como já esclareceu Pierre Bourdieu (2005), são as próprias redes da dominação masculina que definem o que é ser “feminina” e essa definição costuma ser impregnada de qualidades de baixo valor social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Perguntados sobre se achavam que as mulheres teriam as mesmas condições subjetivas do que os homens de atuarem na vida pública, todos os entrevistados responderam que sim, vide o exemplo abaixo:

Com certeza. A história tem provado isso. Em todos os setores da vida pública você encontra mulheres no mesmo pé de igualdade, às vezes com desenvolvimento superior aos homens em várias áreas. Não é à toa que hoje, em vários países do mundo, você começa a superar aquela história de que política seja só coisa de homem. O Chile hoje é presidido por uma mulher. Argentina, independente de você entrar no mérito se concorda, ou não, com a atuação, é presidido por uma mulher. O Governo Federal do presidente Lula tem como um dos quadros mais destacados do ponto de vista gerencial, administrativo, a Ministra Dilma Roussef. (Renato – deputado)

Os entrevistados também foram unânimes em afirmar que a participação da mulher na política é algo importante. Alguns, porém, notadamente os homens, embora no afã de valorizar o sexo feminino, ostentaram argumentos que reforçam os estereótipos femininos de cunho essencialista, o que, em outros contextos, acaba legitimando a dominação. Nesta linha, a exaltação da “sensibilidade” feminina foi recorrente. Essa “sensibilidade”, inclusive, habilitaria as mulheres para atuação nas áreas ligadas aos cuidados, o que não deixa de ser uma transferência do ideal maternal para o campo da política. Dessa forma, a mulher acaba levando para as funções públicas que ocupa os valores exigidos socialmente do seu gênero, como a dignidade, a humildade ou a obediência. É esse mesmo peso cultural que faz com que elas geralmente estejam circunscritas, nesse ambiente, às áreas da educação, da saúde e da promoção social, já que estas têm a ver com sua “condição” feminina. Assim:

Em determinados aspectos da vida pública a mulher até, ela tem, até pela história dela mesmo, uma contribuição maior que a do homem a ser dada. Por exemplo, aqui na cidade o trabalho que foi feito por uma secretária do prefeito no programa relativo a idosos, foi um trabalho fantástico, de uma pessoa qualificada (...) não que um homem não poderia desempenhar, mas eu acho que pela sua sensibilidade, pela sua característica, pela sua competência, desempenhou de uma maneira brilhante o programa do idoso aqui da cidade. E assim em outros exemplos que a gente tem no país a fora aí, e dão prova de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

que em determinadas questões, até a mulher tem, pela sua trajetória de vida mesmo, condições de ter um desempenho melhor. (João – deputado)

Eu diria até, sem escorregar para a demagogia, que a mulher, ela tem até uma dimensão que o mundo masculino não tem com tanta força que é a dimensão do cuidado. E a vida pública e a política, quando exercida em seu sentido mais elevado, é, na verdade, o cuidado com o bem comum. Então, eu diria até que a mulher, em certo aspecto, tem até melhores condições, por ter essa dimensão do cuidado, de exercer a atividade política e a vida pública. (Henrique – deputado)

Historicamente, o corpo feminino tem sido visto como um corpo de serviço, pronto para cuidar, seja dos idosos, das crianças, ou dos doentes. O que as falas acima demonstram é que essa noção permanece viva, adaptada às contingências da política. E esse tipo de discurso sempre culmina na defesa do ideário da complementaridade, o que obsta um tratamento verdadeiramente igualitário entre homens e mulheres. A idéia de complementaridade mascara, na verdade, uma hierarquização de gênero. Tal idéia tem sido usada, tradicionalmente, para justificar a divisão sexual do espaço e do trabalho e agora, mais modernamente, para legitimar a divisão sexual da arena política, o que, mesmo que de forma inconsciente<sup>5</sup>, acabou sendo endossado por parte dos entrevistados do partido. Assim:

Eu acho que homens e mulheres têm visões diferentes e complementares sobre a realidade. Então, as preocupações sociais, ambientais, políticas que as mulheres podem trazer para o PT são diferentes daquelas que os homens podem trazer, eu acho que há uma complementaridade nisso, uma riqueza própria que só as mulheres podem trazer pro PT. (Bernardo – deputado)

Alguns petistas disseram que o sexo feminino tem até mais capacidade do que os homens por ser mais competente e honesto. Todavia, esta idealização também não é interessante, uma vez que ela usa a mesma lógica da hierarquização de gênero e recai sobre a tendência da biologização do social.

---

<sup>5</sup> Conforme explica Pierre Bourdieu (2005), a violência simbólica, aquela que mantém os códigos das relações de poder entre os sexos, não se opera na ordem das intenções conscientes. Daí porque embora tenha efeitos concretos, ela é de difícil percepção.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Elas são mais dedicadas e mais preparadas. Isso sem dúvida alguma (...), isso é inquestionável. E digo isso não é porque seja político. Eu disse isso outro dia num encontro de mulheres e disse aquilo que eu percebo também. Elas têm uma qualidade de caráter que suplanta o homem que é a honestidade e elas têm firmeza quando elas não alegam a sua antiga fragilidade, pretensa fragilidade. Então, eu tenho exemplos na minha vida profissional que na hora H as mulheres é que assumiram e tomaram posições das mais corretas possíveis (...). Então, eu percebo isso (...). É alguma coisa na formação. Você percebe isso (...), elas são, por formação, mais honestas (...). Então, eu acho que isso tem que ser objeto de uma pesquisa. Mas eu tenho essa convicção de que é algum componente da formação. (José Roberto – deputado)

A defesa de uma diferença moral entre homens e mulheres e a crença em uma política de desvelo feminino são reducionistas e perigosas (MIGUEL, 2001, p. 253-267). Nesse sentido, afirmar que a mulher é “melhor” do o homem não altera, de fato, seu status social, sendo apenas uma inversão de poder na esfera discursiva ou uma exaltação da “fraqueza” feminina (LINS, 1998, p. 97-128).

Outros entrevistados ainda destacaram que as características inerentes ao sexo feminino são avessas aos moldes que a política vem assumindo, em especial, no que se refere à desonestidade e a corrupção.

Na política, nós estamos assistindo a um processo de muita criminalização da atividade política, isso tem desestimulado muita gente séria e honesta a participar do processo político. E eu acho que a mulher, sendo mais sensível, e aquela que ainda está com uma participação pequena, eu acho que tende a ser mais sensível ainda nessa sua relutância em participar do processo político. Porque o momento não é muito estimulador à participação. (Pedro Paulo – deputado)

Para Michelle Perrot, essa “mitificação” do feminino também é traiçoeira, pois “pode-se admirar uma mulher sem elegê-la” e ainda: “reificar, deificar a mulher é uma maneira de colocá-la ‘em seu lugar’, sobre os altares, isto é, à parte e em parte nenhuma” (1995, p.181-182).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

De todo modo, também houve um reconhecimento geral de que as condições objetivas de homens e mulheres, para participar da vida pública, não são as mesmas. Nessa vertente, a maior dificuldade destacada foi a dupla jornada feminina e seu “compromisso” doméstico, ainda não compartilhado com os homens. Essa realidade faz da atividade partidária uma jornada tripla para as mulheres. Nas campanhas eleitorais, em especial, essa atividade se converte em um peso muitas vezes insuportável para as militantes que trabalham e têm família. Fica evidente, então, a vantagem masculina.

A maior divergência entre as respostas dadas pelos homens e mulheres petistas disse respeito à forma como homens e mulheres são tratados no interior do partido. Enquanto os entrevistados do sexo masculino, em sua maioria, acreditam que no PT não há tratamento diferenciado em termos de sexo, todas as mulheres entrevistadas percebem que há, sim, uma distinção nas condições usufruídas pelos militantes de diferentes sexos. As falas a seguir demonstram claramente a mencionada divergência:

Olha aqui é o seguinte: eu acho até que as mulheres são melhores tratadas do que os homens aqui. Até porque, porque nós temos uma tradição de luta em defesa dos direitos das mulheres e a gente vê aqui a mulher não como minoria, mas como maioria porque, na verdade (...) mulher não é minoria em lugar nenhum e até maioria. Aqui a questão da mulher é vista com uma seriedade maior do que no conjunto da sociedade. Com toda a certeza não tem discriminação. Aqui, inclusive, é proibido. Aqui no PT se você discriminar qualquer tipo de orientação sexual, religiosa, política, pessoal, social, aqui é passível de punição (...). Então, aqui não tem discriminação de nenhuma natureza. (Felipe – membro do Diretório Estadual)

Não freqüento assiduamente as instâncias e os fóruns de discussão do PT. Mas, ainda que de longe, posso perceber que, como na sociedade em geral, o PT reproduz determinadas práticas. Nunca vi um dirigente levantar de sua cadeira para fazer um café ou mesmo secretariar uma reunião. São as mulheres que fazem isso. É claro que isso não significa que o partido acredite que cabe necessariamente às mulheres o cumprimento desta tarefa, mas significa também – e penso que este é um problema para as petistas – que o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

questionamento sobre os papéis sociais de homens e mulheres ainda não está suficientemente consolidado no partido. (Valéria – professora)

A petista “Valéria”, ao dizer que nunca viu um dirigente homem se levantar para fazer um café ou mesmo secretariar uma reunião, evidencia que a máxima popular de que “lugar de mulher é na cozinha” acaba sendo reproduzida no cotidiano partidário. Se esta última fala mostra grande lucidez em relação ao problema, a fala do petista “Felipe” merece especial comentário pela inconsistência com que aborda o tema. Primeiro, porque ele assume que o fato da discriminação de gênero ser “proibida” pelo partido, (como, aliás, também o é pelas leis brasileiras) é suficiente para que ela não exista na prática. Segundo, porque, como será reforçado na sua fala posterior, ele não tem nem mesmo a dimensão do que significa minoria em termos políticos e isso mesmo ocupando uma posição de destaque no auto-proclamado partido das minorias.

É interessante, então, notar que alguns homens do partido reconhecem que as mulheres petistas possam enfrentar discriminação, mas atribuem o problema ao fato de elas serem minoria no partido, o que expressa a falta de clareza dos mesmos em entender como se processa a própria lógica da dominação.

Como não são maioria não vai tratar do mesmo modo. Eu acho que se há um tratamento discriminatório, ele não é em razão de gênero no PT, diga-se por uma questão de justiça. Tratamento discriminatório todos nós sofremos, quem não é daquela cúpula, do campo majoritário que controla o partido (...). Eu não vejo nenhum tipo de discriminação. Eu ainda continuo dizendo que no PT essa questão de gênero não existe<sup>6</sup>. (José Roberto – deputado)

É preciso lembrar, porém, que foi consenso geral a noção de que no PT as mulheres possuem mais participação do que nos demais partidos brasileiros, assim como a consciência de que a militância feminista teve um peso relevante na história da formação do partido, bem como na própria história do movimento feminista no Brasil.

---

<sup>6</sup> O petista “José Roberto” se declarou engajado, desde o começo de sua trajetória política, com as lutas feministas. Ainda assim, ele não consegue perceber a existência, mesmo que sutil, da discriminação de gênero dentro do partido.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Eu acho uma participação intensa, acima da média dos partidos brasileiros. Eu acho que é um dos partidos em que há mais participação feminina e um partido onde houve também uma luta pioneira para a garantia de direitos das mulheres, reserva de vagas para as mulheres. Isso sempre houve no PT. (Bernardo – deputado)

Alguns entrevistados, porém, lembraram que a luta feminista no interior do PT já foi maior no passado. Essa constatação reflete a discussão sobre a diminuição da radicalidade transformadora petista ao passo que o partido foi se estabelecendo nas instancias de poder, assim como a acomodação, ou mesmo o refluxo dos movimentos de mulheres no Brasil, a partir da década de 90, após as conquistas de novos direitos. Por outro lado, reflete também a responsabilização exclusiva das mulheres pela conquista de seus próprios direitos e a falta de interesse dos homens por esse processo.

Todos os entrevistados se mostraram favoráveis à existência da política de cotas para mulheres na política. Nesse viés, foi frisada a necessidade de que elas sejam um instrumento melhor aplicado e complementar a outras medidas. Assim:

Eu sou favorável. Eu acho que ela, por si só, não resolve, você vê que a própria legislação exige que você tenha um número de candidaturas de mulheres, mínimo, normalmente essas vagas ficam uma grande parte delas não preenchidas. Então, não quer dizer que isso só seja suficiente, mas eu acho que também não pode justificar você não se desafiar nesse sentido. Então, eu acho que a medida é correta. (Renato – deputado)

Ocorre que, como já foi visto, boa parte dos entrevistados do sexo masculino não reconhece a existência de tratamento discriminatório dentro do PT, mas afirma que as cotas são necessárias, ainda que provisoriamente, para garantir a mínima inserção feminina na política em um cenário de desigualdade de gênero. Ora, se o PT fosse, de fato, igualitário, por que seriam necessárias, então, as cotas intra-partidárias<sup>7</sup>?

Algumas entrevistadas destacaram algo relevante em relação à questão das cotas que foi omitido pelos homens: é preciso que o partido não apenas cumpra a lei formalmente, mas também ofereça condições de concorrência equivalente para homens

---

<sup>7</sup> O Estatuto do PT, em seu art. 22, V, determina que 30% dos integrantes das direções partidárias sejam mulheres. Essa determinação existe desde 1991, quando as cotas foram aprovadas já no primeiro congresso do partido.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

e mulheres nas campanhas eleitorais. Um ponto destacado em algumas falas femininas foi a carência de recursos para o financiamento das candidaturas de mulheres. Isso explícita, inclusive, uma das formas mais corriqueiras de “sabotagem” das candidaturas femininas nos partidos<sup>8</sup>.

Nas falas seguintes, é possível observar certa contradição no que diz respeito à necessidade de representatividade feminina. O entrevistado entende que só a mulher pode representar bem a mulher, porque elas teriam um “olhar” próprio e que, além disso, sendo metade da população, o mais justo seria uma representação proporcional. Porém, o mesmo entrevistado não é favorável a uma cota fixa e obrigatória de 50% dos cargos eletivos para mulheres.

Seria um avanço porque como eu falei para você anteriormente se a população é dividida quase que igualmente entre homens e mulheres é importante que, na política, a participação da mulher seja maciça, senão a questão feminina vai ser olhada como segundo plano. Porque, na verdade, apesar dos homens da esquerda defenderem o feminismo, o olhar não é feminino, o olhar é masculino. Então, na verdade, a ausência de participação feminina vai, de fato, levar que essas questões sejam vistas não como prioridade. (Felipe – membro do Diretório Estadual)

O que não dá para você fazer é colocar uma cota fixa, porque senão você faria uma perversão da lógica da representação, porque senão mulheres seriam eleitas com poucos votos só pelo fato de serem mulheres e terem sido candidatas (...). Eu sou à favor da cota para a apresentação da chapa. Mas serão eleitos aqueles que tiverem votos, entendeu? Se a sociedade avançar e na chapa vai ter que ter metade de mulher e metade de homem, tudo bem, eu acho correto, agora, vai valer o critério do voto. (Felipe – membro do Diretório Estadual)

As duas únicas deputadas mulheres em exercício no PT/RJ, assim como as mulheres que ocupam ou ocuparam mandatos eletivos perceberam que foram vítimas, ainda que veladamente, de preconceito de gênero. No caso das deputadas, especialmente quando da campanha e do primeiro mandato de ambas. Ao conquistarem capital político

---

<sup>8</sup> Estudos têm demonstrado que a lógica sexista prevalece, inclusive, sobre a lógica eleitoral de apoiar os candidatos que têm mais chances de se eleger. (PINHEIRO, 2007, p. 84.).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sólido, essas mulheres passaram a ser vistas menos como mulheres e mais como agentes políticos. Assim:

Acho que hoje, tendo histórico de ter mandato parlamentar, isso dá a você um pouco mais de condição de disputar numa situação de igualdade, mas mesmo assim. Aí se você pega lideranças que estão no mesmo patamar que você, que são deputados, aí você percebe que os deputados têm determinados tratamentos, as deputadas têm outro tratamento (...). Na relação do Congresso a coisa piora, se no PT já acontece isso, no Congresso é um negócio que ou você vai para a porrada, ou você finge que não está vendo. (Mara – deputada)

É preciso mencionar que dos nove deputados, federais, ou estaduais, ligados ao PT do Estado do Rio de Janeiro e que estavam em exercício, apenas dois, justamente as duas mulheres, possuíam a luta pela igualdade de gênero como uma bandeira específica de sua atuação política, muito embora todos os deputados tenham declarado solidariedade e apoio ao tema:

Nós temos a sensibilidade (...) mas não é o centro da ação política do atual mandato que eu exerço ou da trajetória que construímos a questão de gênero. (Henrique – deputado)

Nesse sentido, a fala abaixo foi bem elucidativa ao colocar a questão em termos de ser ou não mulher para abordar a temática feminista:

A gente vocaliza o interesse e o somatório de todas as questões que são colocadas. Mas por não ser mulher, na verdade, nunca tive a luta da questão feminina como fundamental, porque como eu te falei, tem outras visões, outras nuances aí de como ver o mundo. É claro que quem tem mais legitimidade para defender e levar adiante as bandeiras do feminismo são as mulheres. (Felipe – membro do Diretório Estadual)

Uma deputada do PT ressaltou que passou, até mesmo, a ser mais reconhecida entre seus pares quando começou a atuar em outras frentes, se desvinculando um pouco da temática feminista. Essa transformação pode ser compreendida quando se relembra que as relações de gênero são, antes de tudo, relações de poder. Por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

consequente, a temática feminista, sobretudo em uma esfera na qual se definem políticas, deve ser desmerecida, por ter o potencial de alterar o fiel da balança. Assim:

E também tem uma outra coisa que não é ser só sobre o assunto carimbado de mulher. A gente começa a atuar em outras frentes, dar opinião sobre alguns temas. Então você começa a ser olhada diferente. (Júlia – deputada)

Todos os entrevistados reconheceram, também, que a escolha da Ministra Dilma Roussef para ser a candidata do PT às eleições presidenciais<sup>9</sup> era um passo muito importante, ainda que no sentido simbólico:

Eu acredito que uma vitória da Dilma para assumir o cargo de Presidente do país seria um estímulo muito importante à participação das mulheres na política porque muitas se espelhariam nela, como muitos operários se espelharam no Lula. (Pedro Paulo – deputado)

Entretanto, também foi de entendimento geral que esta escolha deveu-se, basicamente, a outras questões que não a de gênero. Nesta esteira:

Nós temos dito o seguinte: a ministra Dilma Roussef, ela não vai ser candidata do PT porque é mulher, ela vai ser candidata pelo que ela é. (Renato – deputado)

Uma questão lembrada foi a de que a Ministra Dilma Roussef não se encaixa no perfil tipicamente feminino das mulheres que atuam na política, já que ela não é herdeira de uma tradição política masculina que a legitime, como grande parte das mulheres que ascenderam na vida pública. Esse fato, por si só, já seria um avanço.

Por fim, a fala de “Valéria”, não por acaso figura central da luta feminista no país, parece ser a que melhor resume, em linhas gerais, toda a problemática de gênero dentro do partido:

---

<sup>9</sup> As entrevistas foram realizadas no período entre maio e agosto de 2009 e, portanto, antes das eleições presidenciais que tornaram Dilma Roussef a primeira presidenta do Brasil.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Essa é uma questão curiosa, por que tem uma resposta ambígua. É absolutamente verdadeiro que a participação das mulheres foi e é fundamental para a constituição do PT como o partido de maior peso político em nosso país. Ao longo de sua formação, o PT teve lideranças femininas importantíssimas, que contribuíram para a sua formulação política, para a sua visibilização e para a sua legitimidade junto à sociedade (...). Hoje o partido tem 47% de mulheres no seu quadro de filiação e muitas destas mais de 500.000 mulheres constroem cotidianamente o PT. No entanto, e com tudo isso, quando olhamos para os espaços internos de decisão em nosso partido, vemos como é tênue a participação feminina. Apesar de uma significativa participação na condução das discussões temáticas – os chamados Setoriais – as mulheres, ainda que componham 30% das instâncias de direção do partido por conta da decisão estatutária, não participam efetivamente do processo decisório, fazem pouco uso da fala nos fóruns de discussão partidária e raramente estão à frente da condução de negociações com outros partidos, por exemplo. (Valéria – professora)

“Valéria” explicita a complicada situação das mulheres no PT: elas são a maioria dos eleitores, são praticamente metade da composição do PT, tiveram e têm uma participação importante para a constituição do partido e, apesar disso, permanecem relegadas ao segundo plano. As razões gerais do problema podem até passar pela forma como as mulheres são socializadas, mas certamente também passam pelo bloqueio masculino a esse campo de poder.

## **Conclusão**

Por tudo o que foi analisado, é preciso questionar: se, em muitos casos, nem mesmo o discurso dos petistas consegue fugir do sexismo vulgar, o que se dirá, então, da prática do partido? O que fica claro é que o Partido dos Trabalhadores é um partido que se pensa feminista, mas que, muitas vezes, reproduz o mesmo discurso sexista do senso comum. Esse equívoco engessa mudanças mais efetivas, pois encoberta o problema.

Ainda assim, é possível afirmar que os membros do PT, inclusive os do sexo masculino, possuem, em geral, um posicionamento mais esclarecido diante das demandas de gênero do que o que os demais partidos brasileiros. Isso não quer dizer,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

entretanto, que o discurso e a prática do partido sejam realmente compatíveis. Muito ainda permanece no campo da simples retórica, como se o simbólico feminista que envolve o partido pudesse compensar posturas excludentes e discriminatórias (PERROT, 1995). Como bem coloca Clara Araújo (2005, p. 211):

No Brasil, os partidos incorporam um discurso favorável à mulher em seus programas, plataformas eleitorais e nos pronunciamentos dos dirigentes. Isso pode ser visto como algo positivo, na medida em que expressa o apoio e o apelo que o tema dos direitos das mulheres angariou na sociedade como um todo. Mas para além dos compromissos intencionais, poucos são os partidos brasileiros que implementam ações mais substantivas nesse sentido (...). E a adoção das cotas não foi, até o momento, suficiente para alterar esse cenário (...). Há uma variação na forma como os partidos respondem internamente às demandas das mulheres, sendo tal resposta mais efetiva à medida que os partidos encontram-se mais à esquerda e são mais estruturados organicamente.

Mesmo que, freqüentemente, a questão se coloque apenas discursivamente, não se pode olvidar que já não deixa de ser um pequeno avanço que a ideologia oficial dos membros Partido dos Trabalhadores e que, especialmente, o discurso masculino do PT rechace a discriminação de gênero. De todo modo e em razão, sobretudo, da própria história de sua criação e de sua ligação com os movimentos sociais, o PT parece oferecer uma possibilidade mais efetiva para que se reflita a dominação masculina e para que se altere esse quadro.

## Referências

ARAÚJO, Clara. Construindo novas estratégias, buscando novos espaços políticos: as mulheres e as demandas por presença. In: MURARO, Rosie Marie e PUPPIN, Andrea Brandão (orgs.) **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, p. 82-96, 2001



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

\_\_\_\_\_. Partidos Políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. **Revista de Sociologia Política**, nº 24, p. 193-215, Curitiba, 2005.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LINS, Daniel. O sexo do poder. In: \_\_\_\_\_. **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papirus, p. 97-128, 1998.

MIGUEL, Luís Felipe. Política de interesses, política do desvelo: representação e “singularidade feminina”. **Revista Estudos Feministas**, vol. 09, nº. 01, p.253-267, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8614.pdf>  
Acesso em: 15 de janeiro de 2010.

PERROT, Michelle. De Marianne a Lulu: as imagens da mulher. In: SANT’ANNA, Denise (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 163-183, 1995.

PINHEIRO, Luana Simões. **Vozes femininas na política**: uma análise sobre mulheres parlamentares no pós-constituente. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2007.

### **Apêndice:**

#### Roteiro das entrevistas<sup>10</sup>:

1- O que o (a) senhor (a) entende por feminismo?

---

<sup>10</sup> Esse roteiro serviu apenas de guia às entrevistas, sendo, portanto, flexível. O rumo das conversas e a trajetória específica de cada entrevistado (a) fizeram com que novas questões fossem colocadas ou suprimidas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- 2- O (a) senhor (a) acredita que homens e mulheres têm as mesmas condições para atuar na vida pública?
- 3- O que o (a) senhor (a) acha da participação das mulheres no Partido dos Trabalhadores?
- 4- No seu entender, qual é a importância dessa participação?
- 5- O (a) senhor (a) acha que homens e mulheres são tratados da mesma forma dentro do PT? Por quê?
- 6- Na sua visão, o Partido dos Trabalhadores se diferencia dos demais no que se refere à participação feminina?
- 7- O que o (a) senhor (a) pensa a respeito da Lei de cotas para as mulheres nas candidaturas políticas?
- 8- A luta pela igualdade de gênero está ou esteve presente na sua carreira político-partidária? De que forma?
- 9- Por que o (a) senhor (a) escolheu se filiar ao Partido dos Trabalhadores?
- 10- Como a luta feminista contribuiu para a formação do PT?